

ENTRE QUADRAS, BOLAS E REDES: CORPOS FEMININOS, RITUAIS E RESISTÊNCIA

BETWEEN COURTS, BALLS AND NETS: TEENAGE GIRLS, RITUALS AND BODILY REFUSAL



Vol.9 nº 17 jan./jun.2014
p. 61-70

Vanessa Guilherme Souza¹

RESUMO: Este artigo apresenta uma pesquisa que teve como objetivos observar, descrever e interpretar rituais nas aulas de educação física e, assim, buscar ampliar o conhecimento e a compreensão das diversas situações de recusa corporal apresentadas por um grupo de adolescentes do ensino médio de uma escola da rede particular de Belo Horizonte- MG. Outro objetivo foi investigar como se dá a construção identitária dessas adolescentes, nos modos como se apropriam do seu próprio corpo na sociedade contemporânea. Essa investigação teve como aporte teórico: Victor Turner, Peter McLaren, Jocimar Daolio, Marcel Mauss, Glifford Geertz e John Thompson.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo, Ritual, Educação Física.

ABSTRACT: This article presents a research that intended to observe, describe and interpret the rituals of physical education classes, thus increasing the knowledge and understanding of different situations of bodily refusal presented by a teenage girls in a private high school in Belo Horizonte/MG. Another purpose of this study was to investigate how these adolescents' identities are constructed, as well as the ways by which they appropriate they own body in contemporary society. The theoretical approach based on research of Victor Turner, Peter McLaren, Jocimar Daolio, Marcel Mauss, Glifford Geertz e John Thompson.

KEYWORDS: Body, Ritual, Physical Education

¹Doutoranda em Educação
(Universidad SEK-Chile)

INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, podemos perceber que o corpo feminino se exhibe e é exibido, tornando-se objeto de diferentes anseios e desejos. E na escola? Como é tratado? E na aula de Educação Física? Como meninas-adolescentes interpretam o corpo e o seu corpo na sociedade contemporânea? De que fios ele se tece? Qual será o significado da Educação Física e de seus conteúdos para

meninas da 1ª série do Ensino Médio? É possível constatar que, no âmbito escolar, o controle do educando pode se dar através do corpo nas salas de aulas, nos corredores, nos pátios e também nas quadras, onde sempre é estabelecido um “ritual” a ser cumprido.

Estas preocupações marcam a estrutura central das indagações deste artigo acerca das atitudes corporais ritualizadas de meninas-adolescentes em suas práticas nas aulas de Educação Física. Esse artigo, com algumas alterações, é a minha dissertação de mestrado, defendida em agosto de 2006 na Pontifícia Universidade Católica – PUCMG. Em minha pesquisa utilizei de conceitos da Antropologia como uma nova maneira de olhar o corpo no âmbito escolar, procurando repensar alguns aspectos relacionados, especialmente à disciplina Educação Física.

ENTRE QUADRAS, BOLAS E REDES

O que provocou maior incômodo em minha trajetória como professora de Educação Física foi perceber, durante as aulas, a insatisfação das meninas da 1ª série do Ensino Médio com a disciplina Educação Física e a relação de resistência para com seus corpos nesse espaço.

Em nossas conversas sempre ficava em evidência que essas adolescentes viviam uma relação delicada com seus corpos, e, muitas vezes, inconseqüente – magreza excessiva, anemia, bulimia, anorexia, prática exagerada de atividade física fora da escola, ingestão de remédios milagrosos para perda de peso, plásticas, tatuagens, *piercings* e lipoaspiração. Segundo Goldenberg (2002) “[...] a busca por um corpo “sarado” funciona como uma luta contra a morte simbólica imposta àqueles que não se disciplinam para enquadrar seus corpos aos padrões exigidos.” E também, havia uma busca por locais extraescolares para experiências corporais, e nesses espaços – clubes e academias –, era possível satisfação e aprendizado.

Algumas das alunas que participaram desta pesquisa atribuíram os seguintes significados à questão do corpo:

“Eu me cuido, me preocupo com minha saúde, tento manter uma boa alimentação e me exercitar quando possível.” (Aninha)

“Estou sempre insatisfeita com meu corpo, tento regular minha alimentação, mas não resisto a doces.” (Ló)

“O corpo feminino representa preocupação para as mulheres, sinônimo de sedução e cartão de visitas para os que vêm.” (Sisi)

“[...] a sociedade impõe padrões e isso interfere na vida das pessoas, regimes para atender a esses padrões.” (Mara)

“Frequênto academia três vezes por semana e uso creme redutores de celulite e gordura.” (Pam)

Como podemos observar os significados que as alunas atribuem ao corpo relacionam-se à beleza corporal associada a uma preocupação com a alimentação, com o exercitar-se e com os padrões estéticos estabelecidos pela mídia.

Já quanto à questão da Educação Física surgiu entre outros, os seguintes comentários:

“[...] são importantes para o condicionamento físico, disposição para o resto do dia e proporcionam o entretenimento para os alunos.” (Sisi)

“As pessoas preocupam com o intelectual e esquecem-se do corpo, exercícios relaxam e melhoram o humor.” (Tatá)

“É inútil. [...] é chato só tem esportes chatos.” (Claire)

“Acho importante para o aluno uma hora de lazer, pois em geral um colégio é muito

cansativo, é preciso ter uma hora para lazer.” (Gi)

As falas apresentam uma diversidade de significados à prática da Educação Física como: momento de lazer, de tédio, de relaxar, de praticar esporte, de obter condicionamento físico e entretenimento. Isso vem ao encontro com o que Daolio (2004) nos alerta que é a necessidade de “[...] também pensar o corpo humano como dotado de eficácia simbólica, grávido de significados, rico em valores dinâmicos e específicos”, se quisermos ter a pretensão de compreendê-lo de modo contextualizado e inteiro (DAOLIO, 2004, p. 8).

Para McLaren (1991), também baseado em Geertz, é fato inquestionável que a cultura é formada fundamentalmente por rituais inter-relacionados e sistemas de rituais, “[...] é uma construção que permanece como uma realidade consistente e significativa através da organização abrangente de rituais e sistemas simbólicos.” (MCLAREN, 1991, p.33). Os sistemas simbólicos, para Durham (1984), são empregados como meio de ordenação da conduta social, ou seja, absorvidos e recriados nas práticas sociais.

Portanto, podemos pensar os conteúdos da cultura corporal de movimento desenvolvidos nas aulas de Educação Física, como práticas corporais que fazem parte de uma dinâmica cultural e, por isso, as alunas atribuem um conjunto de significados ao que fazem, ou não fazem. Acredito que esse não fazer pode ser melhor compreendido se recorrermos ao conceito de cultura de Durham (1984), ou seja, um processo contínuo de produção, utilização e transformação na prática coletiva. Será que o sentido da palavra cultura, presente na proposta da cultura corporal de movimento e na prática de alguns professores, contempla os aspectos de continuidade de produção, utilização e transformação?

A partir dessas reflexões, foi possível compreender o porquê da Educação Física escolar, como uma área de conhecimento que aborda a cultura corporal de movimentos, construída historicamente pelo homem, não desconsiderar os aspectos simbólicos. A verdade é que essa perspectiva cultural favorece uma postura voltada para a atualização, (re) significação e revalorização dos seus conteúdos.

A possibilidade de discutir o corpo e seus significados encontra espaço mais propício exatamente na disciplina Educação Física, pois o corpo carrega consigo uma história e toda uma subjetividade que poderiam ser interpretadas pelo professor, quando, ao oferecer a possibilidade de movimentos, admitir à aluna se expressar à sua maneira e perceber por si própria o saber que seu corpo contém.

Desse modo, o ensino da Educação Física não poderia se reduzir à preocupação simplista com *performance* física, mas incorporar, também, o desenvolvimento de conteúdos que considerem a diversidade de vivências culturais e seus novos hábitos, criando novas necessidades para as educandas. Poderia ser uma atividade para se entender o corpo enquanto totalidade expressiva intencional, que não perde de foco a vivência, a análise e a compreensão de diferentes intenções dos gestos construídos em diferentes práticas sociais, de ações pedagógicas que revelam a constituição da natureza/cultura, de relações entre os sujeitos e o mundo. Dessa forma, as adolescentes poderiam desenvolver uma compreensão mais abrangente e crítica do grau de importância conferido ao corpo na construção e afirmação da sua identidade, nas relações sociais em que estão inseridas.

Segundo Hall (2002), o indivíduo na contemporaneidade não é composto por uma identidade única, fixa ou permanente, mas de várias identidades, sendo a mesma caracterizada como “[...] uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente.” (HALL, 2002, p. 13)

Na perspectiva de Hall (2002), as identidades modernas estão sendo fragmentadas ou “descentradas” devido a uma mudança estrutural que está transformando as sociedades contemporâneas. Com essa mudança estrutural, as concepções culturais de corpo, sexualidade, gênero, classe, etnia, raça e nacionalidade, que eram validadas no passado e garantiam às pessoas seguras localizações como indivíduos sociais, levam a uma perda da estabilidade do sentido de si –

chamada de descentração ou deslocamento do sujeito. A descentração do indivíduo, tanto do seu lugar no mundo cultural e social, quanto de si mesmo constitui o que se denomina de crise de identidade.

Del Priore(2000) em sua obra, “*Corpo a corpo com a mulher*”, diz que a história das mulheres passa pela história de seus corpos. O corpo feminino passou por uma revolução que trouxe muitas conquistas, mas também muitas armadilhas, como a tirania da perfeição física, em que a mulher não busca uma identidade³, e sim uma identificação⁴.

A identidade da mulher passa a ser definida pelo equilíbrio entre beleza, saúde e juventude, aliada às práticas de aperfeiçoamento do corpo. A mulher é obrigada a se colocar a serviço do seu próprio corpo para não sofrer uma rejeição social. “Quem não o modela, está fora, é excluído.” (PRIORE, 2000, p.92). Segundo Daolio(1997) com a pressão de tornar-se fisicamente perfeita e a tensão do ideal de conseguir chegar ao corpo perfeito, a mulher passa a buscar uma identificação com as imagens veiculadas pela mídia como promessa de felicidade absoluta, plenitude e intemporalidade. Quem define os adjetivos impostos ao corpo – belo, novo, flácido, gordo – e o seu valor social?

E na escola? Como é tratado esse corpo? A escola, historicamente, estabelece como o corpo deve se portar dentro desse ambiente, definindo a sua postura frente aos superiores ou a Instituição. Enfim, pelo corpo o aluno é observado e seu desempenho verificado para que possa avaliar se ele satisfaz a expectativa institucional e se atende às orientações por ela impostas.

E na aula de Educação Física? Parafraseando Daolio (2004), a partir do momento que a Educação Física fizer uma revisão de seus conceitos, corpo, movimento e principalmente cultura, percebendo e assumindo as contribuições de uma abordagem antropológica, poderá tornar-se uma área dinâmica, original e plural. Ao adotar uma perspectiva cultural e considerar os aspectos simbólicos definidores do homem, a Educação Física poderá refletir e fazer as adolescentes refletirem sobre temas como estética, beleza, expressividade, subjetividade, enfim, os seus significados e implicações em uma sociedade de mercado.

Ao observar a maneira como as adolescentes realizam suas práticas nas aulas de Educação Física foi possível identificar diferentes atitudes corporais entre as mesmas. Mas, só faz sentido falar em gestos, atitudes, comportamentos, se os considerarmos um conjunto de significados culturalmente construídos que neles se expressam. Do que se depreende que “o corpo é um produto da cultura e produtor de cultura” (GEERTZ *apud* LARAIA, 2003, p. 57), ao mesmo tempo em que é suporte de comunicação e informação de um dado tempo histórico.

Segundo Werneck(1995) os estudos e análises históricas de Foucault apresentam a existência de um poder articulado (que surgiu a partir do século XVII), aos modos da produção capitalista que age sobre os corpos: o poder da disciplina que dociliza. Esse poder disciplinar atuava nas instituições sociais como escola, prisões, fábricas, tratando o corpo como algo mecânico que precisava ser disciplinado para se tornar mais produtivo, econômico e eficaz.

Desse modo, percebo que o corpo feminino é visto como algo a ser manipulado, modificado, construído, alvo de diversas intervenções, entre as quais “o movimentar e o exercitar” se manifestam. As práticas corporais e esportivas são reconhecidas como possibilidades de controle e disciplina.

O que presumo, porém, é que esse corpo, na sociedade contemporânea, pode ter deixado de ser *locus* de repressão política, para tornar-se campo de afirmação e construção do eu e, talvez, de novos e sutis aprisionamentos – ter um corpo que atenda aos padrões representa um modelo legítimo de imposição em nossa sociedade, tanto no que se refere à constituição física, quanto ao uso de produtos destinados ao consumo.

EDUCAÇÃO FÍSICA, CORPOS E RITUAIS

Ao recorrer aos conhecimentos de Jean Cazeneuve [19__], Arnold van Gennep (1978),

Victor Turner (1974), Peter McLaren (1991), Roberto DaMatta (1990) e outros, procuro trazer os conceitos de ritual, corpo e Educação Física para um quadro de referências unificado como uma tentativa de desenvolver e formar novas percepções com as quais os professores poderão compreender e desenvolver as aulas dessa disciplina.

O rito ou ritual é um conjunto de atos formalizados, expressivos, portadores de uma dimensão simbólica⁵, que deve ser considerados sempre como um conjunto de condutas individuais ou coletivas relativamente codificadas, com suporte corporal (verbal, gestual e de postura), caráter repetitivo e forte carga simbólica para atores e testemunhas, como argumenta Martine Segalen⁶. Assim, o ritual da aula de Educação Física funda esse conjunto de condutas individuais ou coletivas, que tem sistemas de linguagens e comportamentos específicos para alunos e professores, mas que deveriam conformar um território comum de significados.

“O conteúdo que eu mais gosto é aula prática, onde eu tenho oportunidade de me divertir com meus amigos... eu acho que tem que ensinar alguns fundamentos básicos.” (Sisi)

“As aulas são diversificadas, tenho oportunidade de realizar uma atividade sem muita teoria e em contato com meus amigos”... “Eu gosto dos esportes mais conhecidos, como o vôlei.” (Rol)

“Gosto dos jogos de quadra, handebol.” (Ri)

“Eu gosto de badminton, peteca, futebol, gosto de aulas práticas desses esportes.” (Mari)

“Sempre participo porque me divirto, raramente fico parada.” (Tatá)

“Tenho aula semanalmente e é importante para o corpo.” (Nanda)

“Sempre participo, mesmo que não goste.” (Bah)

“Só participo quando a atividade me agrada.” (Mari)

“De vez em quando eu não faço nada na aula.” (Claire)

“Quando é aula de esportes fico sentada esperando a aula acabar.” (Bela)

Podemos perceber que as alunas atribuem à prática da disciplina Educação Física um conjunto de significados: ponto de encontro, atividade física, esporte, lúdico e saúde. A experiência, tanto individual quanto grupal é a expressão da cultura de um indivíduo ou grupo. Para Durham, citado por Daolio (1995a), a noção de cultura parte da unidade entre ação e representação/significado, ou seja, toda ação das alunas da Escola Ilha Bela possui um conteúdo significativo.

É possível, também, perceber que na aula de Educação Física está presentes rituais expressos através de uma linguagem corporal, que revelam um discurso, ora criativo, ora de resistência, gerador de novas interpretações sobre a cultura corporal de movimento⁷.

Nessa perspectiva, na aula de Educação Física, entendo que a aluna pode mergulhar na densidade do fazer ou não fazer, descobrindo além da simples prática, os simbolismos inscritos nessa prática e, ao mesmo tempo, reinterpretá-los, gerando novas significações. Mas, também, acredito que, na *performance* da aula de Educação Física, há uma ritualização que se expressa através de uma linguagem corporal.

Acrescento a esta compreensão a perspectiva que tudo tem um significado próprio⁸ no

ritual, que se constitui em signos como falas, posturas, gestos, movimentos e o próprio uso do corpo. Mas, ao observar esses signos, é necessário perceber que não são realizados mecanicamente, desprendidos de sentidos e representações.

O SISTEMA RITUAL

O campo cultural da aula de Educação Física na escola Ilha Bela era um sistema ritual com vários atos formalizados, expressivos, que podiam ser percebidos a partir de condutas individuais ou coletivas relativamente codificadas, com suporte corporal, principalmente, gestual e postural. Analisei a instrução tanto no espaço da sala de aula, quanto nos espaços que aconteciam a aula de Educação Física, meu principal foco, tendo como referência a tipologia adotada por Peter McLaren, que faz a seguinte divisão: os rituais de instrução compreendidos em:

1 - macro-ritual: entende-se como macro-ritual o conjunto de lições isoladas que ocorriam no dia escolar.

2 - micro-ritual: o micro-ritual consistia nas lições individuais que ocorriam no dia-a-dia e nas aulas de Educação Física.

3 - Rituais de revitalização que têm como função estimular a participação e compromisso por parte das adolescentes durante as aulas.

“Se o professor te estimula e tá sempre lá, anima aí e tal, é outra coisa do que o professor virar prá você e falar: tem que fazer, anda. Acho que é bem diferente. Ainda mais com a gente adolescente. Quando é obrigado aí é que você não faz mesmo.” (Aninha)

“O professor é essencial! É importantíssimo. É ele que faz a aula ficar interessante e tal. Se ele não fizer o papel direito, animar, não adianta ninguém vai fazer as atividades, ninguém vai se sentir interessado, ninguém vai conseguir jogar. Eu acho que ele é a chave-mestra.” (Rol)

“Ele tem que motivar a gente a fazer aquilo, a aula. Porque homem sempre gosta de fazer. Mulher, a maioria não gosta. Então assim, motivar.” (Pam)

4 - Rituais de resistência que são os rituais de conflito que compartilham duas formas distintas: ativa e passiva. No caso da aula de Educação Física, identifiquei as duas formas de rituais de resistência: ativa – as adolescentes executam os movimentos de maneira displicente e “debochada”; passiva – quando há conversas excessivas durante a prática, comparecimento ao ambiente da aula sem uniforme próprio e a utilização de atestados médicos, sem que houvesse necessidade física para justificá-los. Algumas falas das meninas me mostram esse comportamento ritual:

“Quando eu tô fazendo uma atividade que eu não gostaria de fazer, eu fico mole, fico com sono. Agora não... Quando eu tô jogando um vôlei, um handebol que são os esportes, que eu gosto mais, eu fico muito ativa. Eu sou muito rápido, transpiro muito rápido. E adoro. Não canso.” (Sisi)

“Só que a gente joga avacalhado, deixa o outro time ganhar. Porque você só tá obrigado a jogar e não sabe, então, fica só no meio do campo fingindo que tá jogando. fico conversando, aí de vez em quando vou lá, finjo que tô jogando.” (Bela)

“Se eu não gosto da aula eu fico mesmo, assim, quietinha, sentada, desanimada, cabisbaixa, assim com preguiça. E se eu gosto, eu faço a atividade, mostro interesse. Mas se me interessar mesmo. Se não... não consigo.” (Rol)

“Se eu não gosto, eu finjo, tipo assim. Eu tento não fazer, de tudo. Agora, se eu gosto eu faço numa boa. Se for jogar vôlei assim eu faço tranqüila... eu fico lá parada, fazendo de conta que

tô jogando.” (Pam)

“Quando eu não gosto, jogo mais devagar, com certeza.” (Aninha)

A partir dessas falas, fica claro a que resistência, quero me referir a um comportamento de oposição corporal da aluna, tem tanto um sentido simbólico e histórico como vital e que contesta a significação das práticas corporais da escola.

É preciso ficar claro que os rituais instrucionais existem a partir da relação com o contexto e justaposições do ambiente escolar. Para interpretá-los, é necessário entender os aspectos históricos e situacionais dentro dos quais o ritual é representado, não basta buscar signos e símbolos. No meu entender, não basta ensinar às alunas a técnica dos movimentos, as habilidades básicas ou capacidades físicas. Ao invés disso, é preciso que se perceba quais possibilidades de exercícios de práticas corporais as alunas vislumbram, por exemplo: como forma de ascensão social, como espaço de encontro, como lugar de tédio e rotina sem sentido entre outros.

Com essas considerações, busquei ser capaz de avaliar se as situações ritualizadas da instrução nas aulas de Educação Física mediatizavam a favor ou contra a organização e os conteúdos das aulas de Educação Física. Assim, os rituais podem ser considerados bons se possibilitam às adolescentes refletirem criticamente e vivenciarem, criarem, elaborarem e organizarem práticas corporais que permitem expressar, à sua maneira, e perceber por si própria, o saber cultural que seus corpos contêm, e podem ser considerados ruins se eles restringem essa possibilidade.

Na referida pesquisa de Peter McLaren, foram apontados quatro estados interativos: o estado de esquina de rua; o estado de estudante; o estado de santidade; e o estado de lar. O autor queria sugerir estilos de interação com o ambiente e com os outros, que poderiam ser apropriadamente rotulados de conjuntos de comportamentos. Conjunto organizado de comportamentos, dos quais surge um sistema central de práticas vividas. Esses quatro estados de interação, segundo McLaren, estão ligados ao sistema central, na medida em que constituem as principais formas de sensibilidades rituais.

No caso da Escola Ilha Bela e pelas aulas observações, tomei a liberdade de apontar três estados de interação: o estado de esquina de rua; o estado de estudante; e o último, criado a partir de minhas observações, o estado de quadra.

Nesse sentido, o estado de esquina de rua, para McLaren, representava o comportamento que os estudantes apresentavam nos arredores da escola (praças, centros comerciais e lanchonetes), e também, no pátio da escola. Pode-se entender esse estado como uma maneira de se relacionar com pessoas, ambientes; um estado catártico, no qual os alunos se soltam e extravasam diversos sentimentos, “os alunos são donos de seu próprio tempo, enquanto uma coletividade... representam seus papéis e status que refletem predominantemente a dinâmica de suas relações com os colegas e suas identidades.” (MCLAREN, 1991, p. 132) Outro aspecto que me chama atenção nesse estado é o movimento corporal, pelo qual o aluno se expressa à sua maneira, fisicamente livre para fazer farra, contorcer-se, tocar o outro, ser barulhento, ou seja, poder ser imprevisível. É um momento em que várias atividades acontecem simultaneamente e são envolvidas pelo aspecto lúdico.

O estado de estudante é o estado em que o corpo do aluno é observado e seu desempenho verificado, para que possa avaliar se ele satisfaz às expectativas da instituição escolar e atende às orientações impostas. “O estado de estudante se refere a uma adoção de gestos, disposições, atitudes e hábitos de trabalho esperado do ser estudante”. (MCLAREN, 1991, p. 137). Quanto ao movimento corporal, pode-se dizer que não há movimento, o importante é ficar quieto, bem assentado, obediente, com gestos já sistematizados, ou seja, movimentos rotineiros.

O ESTADO DE QUADRA

O estado de quadra surgiu a partir de minha observação direta, e das conversas e

entrevistas com as alunas. É um estado apresentado nos espaços utilizados pelo professor de Educação Física, em que se misturam o estado de rua e estado de estudante, ou seja, um estado intermediário do ser fisicamente livre e não ser. É possível perceber um ritmo corporal animado, com ações espontâneas no momento de chegada para aula. Mas, a partir do momento em que o professor informa qual será a atividade do dia, alguns corpos femininos passam a exibir disposições, gestos e atitudes formais, tornando-se corpos tristes, apáticos.

“A gente chega, e ele fala: “hoje é dia de basquete”. Só que eu não sei jogar basquete. Então como é que eu vou gostar de praticar uma coisa que eu não sei jogar. Aí não ensinando você não vai jogar certo e não vai prazer de jogar aquilo.” (Bela)

“A Educação Física já não é muito interessante para mim, para minha idade. E aí fica muito difícil. Quando a gente é menor tem mais disposição, a gente gosta mais de esporte.” (Rol)

Esses dados permitem pensar que as mensagens transmitidas pelos corpos das alunas sustentam uma ordem de poder ritualístico, que pode ser percebido como transmissor de uma informação gestual – não fazer, não experimentar determinadas práticas – que moldam as percepções sobre certas práticas, na aula de Educação Física.

Como pude notar, mesmo quando o professor não apresenta uma prática pedagógica de Educação Física no Ensino Médio, cuja referência principal é a perspectiva esportivista ou recreativa, mas sim uma prática que entende a aula de Educação Física como tempo e espaço para conhecer, experimentar, organizar e reconstruir, ainda assim, estão presentes rituais nas interações e regularidades do dia-a-dia dessa disciplina.

Foi possível perceber que as alunas reagem, aceitam e também resistem às determinadas instruções e práticas pedagógicas que são uma forma de conhecimento ritual. Elas adquirem informações e fazem investimentos afetivos a certos tipos de conteúdos da aula de Educação Física através da encarnação de símbolos rituais – ficar parada, ficar assentada, ficar lenta, fazer de conta que está jogando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma constatação a que cheguei com este estudo refere-se ao ostracismo em que o corpo é colocado no *locus* escola. O cenário escolar é, ainda, formado por rituais que, na maioria das vezes, promovem funções normativas do comportamento ou/e proporcionam o esquema tanto para o pensar, como para o agir [e incluiria também o jogar e participar de práticas corporais].

A seguir, apresento algumas questões, constatações ou descobertas que alcancei ao longo desse estudo, objetivando uma maior visibilidade e atenção. Pretendo, assim, que esse trabalho possa servir de parâmetro para estudos e discussões futuras e, sobretudo, para que auxilie a entender a questão do corpo na sociedade contemporânea. Dessa forma, cabe a nós, educadores, perceber que pensar os sentidos e significados atribuídos ao esporte, jogo, dança, etc. é tão importante quanto à escolha do que ensinar.

As meninas manifestam preocupações em cuidar do próprio corpo. Os sujeitos pesquisados consideram, em sua maioria, que cuidam de seus corpos. Os cuidados aos quais fazem referências são os presentes no cotidiano de diversas pessoas, isto é, cuidados com a saúde, com a estética, com a alimentação e a prática de atividades físicas largamente difundidas pela mídia. A esse respeito, destacam-se as razões da disciplina Educação Física não dar suporte para reflexões mais profundas sobre a temática corpo e a influência dos meios de comunicação na estética e na técnica corporal.

O significado atribuído ao corpo pelas meninas é consequência da estrutura social e das

influências culturais a que estão inseridas. Entender a questão do corpo na perspectiva da composição identitária dessas meninas, dos modos de apropriarem-se do seu próprio corpo em uma sociedade imagética é partir da compreensão da dialética entre indivíduo e sociedade.

Como sabemos, os processos sociais envolvidos na formação e manutenção da identidade são determinados pela estrutura social, por um lado, e pelos modos como os sujeitos se inserem e pensam nessa estrutura.

Hoje, não só as meninas da escola observada, mas os sujeitos da sociedade contemporânea apresentam uma fixação no corpo e pelo corpo (padrão). Fruto das contínuas mudanças estruturais que alteram as concepções culturais de sexualidade, corpo, etc., e formam e transformam identidades, às vezes contraditórias e não resolvidas, o que favorece um movimento constante de insatisfação e de busca.

As meninas acreditam que a Educação Física é fundamental no currículo escolar, constroem diferentes significados positivos a seu respeito, mas não apresentam uma postura corporal favorável a alguns conteúdos da disciplina. No conjunto das falas das meninas, registradas nos questionários, reflete um posicionamento a favor da disciplina, por ser o único espaço de lazer, de relaxamento, de encontro de amigos, de se movimentar na conjuntura escolar. Essa diversidade de significados encontra fundamentação na relação da dinâmica cultural e no sistema simbólico, o qual permite que cada menina absorva e recrie suas práticas sociais.

Assim, me permito afirmar que a maneira como os conteúdos da cultura corporal de movimento são apropriados nas aulas de Educação Física, muitas vezes, não fazem parte dessa dinâmica cultural das meninas da 1ª série do Ensino Médio ou seus valores e significados não são compreendidos e discutidos junto a elas e todo restante da turma. Não é dada a possibilidade dos conhecimentos serem apropriados, atualizados e (re) significados por elas.

Os rituais estão relacionados com a organização e com os conteúdos das aulas. Dentro do quadro de referência apresentado, o encontro pedagógico entre professores e alunos pode ser entendido como uma representação ritual constituído de gestos codificados: as palavras de estímulo, o estar dentro da quadra fingindo que joga braços cruzados dentro da quadra, ficar sentada conversando, etc.

As meninas reagem e, freqüentemente, resistem à instrução dada pelo professor, que é por si própria, uma forma de conhecimento ritual. No estado de quadra, as meninas não faziam uso de engajamento corporal para determinados conteúdos; escolhiam não investir afetivamente nesse tipo de conhecimento. Essa resistência era uma resolução pela não erradicação de seus gestos. Era uma tentativa de se construir ritualisticamente um espaço de transição que pudesse anular o vívido e desconstruir as adaptações psicossociais do presente, com o objetivo de forjar novas representações.

A Educação Física pode contribuir para o processo de apropriação do próprio corpo pelas adolescentes. O professor de Educação Física tem que atuar, considerando os significados atribuídos ao corpo e às práticas corporais, construídos culturalmente. É apropriar-se da relação práticas corporais (esporte, jogo, ginástica, etc.) e dos valores e modelos transmitidos por outras instituições de socialização, nesse caso, principalmente pelos meios de comunicação de massa. Constituir temas de investigação e ensino na disciplina em que alunos e professores sejam partícipes é papel do professor dessa disciplina. Cabe à Educação Física, enquanto um componente curricular, privilegiar não o movimento em si, mas uma movimentação das adolescentes e dos adolescentes no sentido contrário ao discurso da competição de mercado, às práticas prontas e aos modismos acerca do corpo.

NOTAS

² Sarado: adjetivo com o sentido de forte, rijo, resistente, sem gordura, malhado. (Edição eletrônica 5.0 do Dicionário Aurélio. Positivo Informática, 2004.)

³ Identidade (HALL, 2002, p. 13)

⁴ Identificação refere-se ao uso que uma pessoa faz dos sistemas de significação e representação cultural para se identificar – tonar idêntico – e, desse modo, relacionar-se aos outros (OLIVEIRA, 1976, p.3)

⁵ Dimensão simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais (SILVA, 2000)

⁶ Segalen(2002)

⁷ Daolio(1995a)

⁸ Mauss em Tosta(1999)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAZENEUVE, Jean. **Sociologia do rito**. Porto: Rés, [19__]. 297 p.
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990. 172 p.
- DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas: Editora Papirus, 1995. 104 p.
- DAOLIO, Jocimar. **Cultura: Educação Física e futebol**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. 135 p.
- DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004. 73 p.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. Cultura e ideologia. **Dados**, v.27, n. 1, p 71-89, 1984.
- GENNER, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. Rio de Janeiro: Vozes, 1978. 168 p.
- GOLDENBERG, Mirian. **Nu & vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002. 414 p.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 101 p.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. 117 p.
- MCLAREN, Peter. **Rituais na escola**: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. 397 p.
- PRIORE, Mary Del. **Corpo a corpo com a mulher**. São Paulo: Editora Senac, 2000. 108 p.
- SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. 161 p.
- SOUZA, Vanessa Guilherme. **Entre quadras, bolas e redes**: um estudo de caso sobre o incorporar de rituais no corpo feminino nas aulas de Educação Física no Ensino Médio em uma escola particular de Belo Horizonte – MG. 2006. 118p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- TOSTA Sandra de F. Pereira. **A missa e o culto vistos do lado de fora do altar**. São Paulo, 1999. 373 p. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo. São Paulo.
- TURNER, Victor. **O processo ritual**. Petrópolis: Editora Vozes, 1974. 248 p.
- WERNECK, Christianne Luce Gomes. **O uso do corpo pelo jogo de poder na Educação Física**. 1995. 180 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

Recebido em: 10/12/2013

Aprovado para publicação em: 03/05/2014